

MUDANÇA FONÉTICA: CONSIDERAÇÕES GERAIS*

Mehmet Sukru Yavas
Pós-Graduação em Lingüística
PUCRS

O assunto "mudança fonética" tem sido de interesse constante para a lingüística. Questões como "por que uma determinada alteração de som ocorre em dado momento da história da língua?", "qual é a causa interna que ativa alterações no inventário de sons?", "as alterações de som é gradual ou brusca?" etc. vêm sendo debatidas há muito tempo. Embora ainda não se tenha chegado a uma total compreensão do fenômeno, a lingüística tem feito considerável progresso em relação a esses problemas nas duas últimas décadas. As breves considerações que seguem objetivam examinar as posições adotadas por certas correntes influentes de pensamento.

OS NEOGRAMÁTICOS

Os neogramáticos, especialmente Karl Brugman e Hermann Osthoff, foram os primeiros a lançar a hipótese de que a alteração fonética é absolutamente regular. A idéia de alteração esporádica era aceita por estudiosos de épocas passadas, mas tal suposição descartava a propagada regularidade de correspondência fonética em línguas da mesma família. Além disso, de acordo com os neogramáticos, admitir a alteração esporádica de som seria aceitar o fato de tal mudança não poder sujeitar-se a uma investigação científica rigorosa. A hipótese da regularidade eliminou estes problemas.

Devido às causas da mudança fonética, a simples presença de um som em determinado ambiente fonético sintagmático seria motivação e explicação suficientes para a ocorrência de muitos tipos desse fenômeno. Todavia, nos casos de alteração de som não condicionada, não existe motivação contextual, e

* Este artigo foi escrito em inglês. Agradeço à professora Marta Kirat a gentileza da tradução para o português.

mesmo para alterações condicionadas surgem muitos questionamentos. Por que um dado contexto fonético provoca mudança em um caso e não em outro? Por que alterações idênticas não ocorrem sempre que e onde quer que condições idênticas prevaleçam?

Hermann Paul reúne várias proposições do pensamento neogramático e oferece o mais completo relato a respeito de mudanças fonéticas. Aceita explicitamente a motivação articulatória (facilidade de articulação) como condição de uma alteração de som. No entanto, Paul não vê a alteração fonética como um mero fenômeno físico; as condições para que esse fato ocorra são fisiológicas e o evento depende de fatores fisiológicos, mas o processo que resulta em alteração de som é, essencialmente, um fenômeno psicológico.

ESCOLA ESTRUTURALISTA AMERICANA

A idéia de que a mudança fonética é apenas um fenômeno mecânico está associada a Bloomfield. Em sua opinião, uma investigação lingüística para ser científica deve ser impessoal, não-intuitiva, mecânica e estritamente formal. A rejeição total de ocorrências esporádicas de alteração como algo significativo e o caráter mecânico do que considerava menos contextos físicos como explicação para a mudança de som revelaram-se inteiramente apropriados ao enfoque antimentalista de Bloomfield em relação à ciência. Ele estava convencido de que a alteração de som era nada mais do que a resultante de uma mudança de hábitos de movimentos articulatórios do falante e de que fatores extrafonéticos jamais poderiam comprovar relevância para a alteração fonética. Mudanças esporádicas de som eram consideradas ocorrências esporádicas de formas historicamente anômalas. Bloomfield aceita as hipóteses dos neogramáticos, mas vai além, quando diz que a mudança fonética não pode ser estudada como um fenômeno dinâmico: só podemos tomar conhecimento da existência de alteração de som através de suas conseqüências. Para a lingüística estrutural, o estudo da mudança de som equivale ao estudo da alteração fonêmica (uma alteração é lingüisticamente relevante somente na medida em que afeta o sistema estrutural de uma língua).

Hockett, outra figura importante no estruturalismo americano, também tenta explicar a alteração de som recorrendo aos hábitos lingüísticos de um indivíduo. Todo falante está constantemente tentando atingir um alvo articulatório. Raramente o consegue, embora o âmbito de articulações possíveis seja limitado. Pelo fato de o alvo não ser atingido com freqüência, pode haver um deslocamento gradual dentro do espaço fonológico.

Novos alvos são estabelecidos e a alteração fonêmica acontece.

São múltiplas as razões extralingüísticas apresentadas por Hockett para explicar o insucesso do falante em manter o alvo, inclusive a umidade do trato vocal, cera ou sujeira nos ouvidos e desleixo em geral.

Tal modelo não leva em conta o fato de que a alteração de som, inclusive a não-condicionada, tem um rumo determinado. Por que, por exemplo, certas mudanças fonéticas não-condicionadas, tais como oclusiva > contínua, sempre operam na mesma direção? Isto seria muito difícil de ser explicado, se não impossível, recorrendo-se ao apelo de Hockett para a inconstância fonética. Ainda mais, aceitando-se essa postura antimentalista, como poderíamos explicar o alvo continuamente visado pelos falantes? Se os falantes têm conhecimento de algo que eles sempre estão tentando reproduzir, devemos perguntar onde está estocado tal conhecimento.

A ESCOLA DE PRAGA

Algumas das questões mais importantes menosprezadas pelos estruturalistas, como, por exemplo, "por que apenas certas alterações fonéticas ocorrem em exclusão a outras?" e "por que elas acontecem mais em determinados momentos do que em outros?" a escola de Praga de fonologia estruturalista (especialmente Martinet) tentou solucionar. Para a escola lingüística de Praga tudo o que concerne à língua deve ser considerado do ponto de vista funcional.

Martinet aceita os preceitos gerais da fonologia funcional e a economia de mudanças fonéticas. Quer dizer, existem duas forças básicas atuando na promoção de mudança de som: a) o princípio do mínimo esforço ou dispêndio de energia, e b) o princípio de manutenção da distintividade por exigência de comunicação. Estas forças estão em luta constante para eliminar uma a outra, e desse modo atingir um estado de equilíbrio no sistema Martinet propôs uma dinâmica teoria de alteração lingüística, na qual as alterações são levadas em conta através do exame das pressões internas e externas exercidas sobre o sistema. Juntamente com Jakobson, Martinet admite a existência de "casas vazias" (gaps) na estrutura fonológica de uma língua, as quais atraem novos segmentos para o estímulo da mudança interna. No que diz respeito a pressões externas, ele reconhece que indivíduos bilingües podem afetar consideravelmente o desenvolvimento futuro de uma língua.

Martinet dedicou muito tempo à elucidação das propriedades formais de "casas vazias" em sistemas fonológicos. Define uma "casa vazia" como a não-existência de um segmento em correlação com outro segmento (ou outros segmentos), onde a correlação é manifestada regularmente por outros elementos do sistema fonológico. Assim, para haver uma "casa vazia" é necessário que duas condições sejam preenchidas: primeiro, deve haver outros pares, grupos de três, quatro, etc. manifestando as mesmas relações uns com os outros em termos de traços distintivos; segundo, deve haver pelo menos um segmento ausente de um desses pares ou grupos de três, etc. A teoria de Martinet sobre alteração lingüística afirma que tais "casas vazias" pressionam o sistema, o que demanda um relaxamento de tensão por meio do reestabelecimento de equilíbrio. Isto pode ser conseguido pela eliminação do segmento desemparelhado ou não-correlacionado, pela introdução de um segmento que cubra a "casa vazia", ou pela modificação fonética de um segmento existente para fazê-lo encobrir as "casas vazias" criadas por outros segmentos desemparelhadas ou não-correlacionados. Quanto à introdução de novos segmentos, Martinet contesta a alegação (Jakobson) de que existe uma diferença entre fatores externos e internos neste processo. Em outras palavras, segmentos nativos podem ser modificados para o preenchimento de "casas vazias" existentes ou segmentos emprestados podem ser utilizados para este propósito.

Cada "casa vazia" assim definida exerce uma diferente força de atração dependendo de vários fatores. Primeiro, a carga funcional ou freqüência de manifestação da correlação que há entre os pares ou grupos de três, quatro, etc. exerce pressão proporcional para que um novo par ou grupo se complete em outra parte de sistema. Segundo, as restrições fonéticas universais a respeito da combinação de um traço com outro pode tanto facilitar quanto impedir o acréscimo de traços correlativos relevantes ao(s) segmento(s) isolado(s) que precisa(m) do correlato.

Como condição geral para o acréscimo de um segmento, a despeito de o mesmo encobrir ou não uma "casa vazia", Martinet sugere que os segmentos cuja estrutura de traços não envolve a introdução de nenhum traço novo na língua em questão devem ser preferidos em detrimento dos que introduzem novos traços. É claro que no caso de preenchimento de "casa vazia" já não pode haver dúvida da existência dos traços, uma vez que a definição de uma "casa vazia" demanda justamente isso.

Talvez o aspecto mais interessante da teoria de Martinet seja sua formulação dos mecanismos por meio dos quais é

mantido o equilíbrio de um sistema. Para ele, um sistema estável não é aquela que resiste à mudança, e sim o que resiste à confusão ou à eliminação de diferenças. Desse modo, qualquer coisa que tende a ameaçar a violação de distinções, imediatamente provocará uma reação de dentro do próprio sistema. Martinet denomina essa ação/reação dentro dos sistemas fonológicos de pressionamento de "cadeias-de-puxar" (**pull chains**) e "cadeias-de-empurrar" (**push chains**). Cada fonema tem uma margem de segurança na qual lhe é permitido variar foneticamente sem afetar a comunicação e sem transgredir o domínio de outros fonemas. Tal margem deve ser conservada para fins de decodificação, o que resulta em um movimento de reação de todos os segmentos vizinhos sob o impulso de algum segmento que provoque essa reação.

O estímulo em si para este desequilíbrio pode provir tanto de causas internas quanto de externas. Entre os fatores internos, Martinet lista necessidades léxicas, sintáticas, morfológicas, ou simplesmente fonológicas do sistema, necessidades que em si mesmas estão em estado de alteração contínua. Em outras palavras, estes são fatores causados pelo estado do sistema em um determinado momento. Mas a falta de equilíbrio pode também ser o resultado de pressões externas, particularmente as exercidas por dialetos vizinhos ou outras línguas que de um modo ou de outro podem estar em contato com a língua em questão.

Uma vez que o sistema tenha sido perturbado por um desses fatores, inicia-se uma cadeia de reações (a não ser que, é claro, uma "casa vazia" no sistema tenha sido preenchida por um segmento não-nativo e neste caso de modo algum existe distúrbio, e sim a eliminação da instabilidade). A analogia "cadeia-de-puxar"/ "cadeia-de-empurrar", porém, parece ser aplicável principalmente ao sistema vocálico de uma língua, e o autor faz pequena tentativa explícita para formular uma teoria de proximidade consonantal onde o mesmo dispositivo pudesse ser considerado operante na mudança fonológica. Ao contrário, a simetria-padrão e o preenchimento de "casas vazias" no sistema parecem ser exigências que necessitam de satisfação por meio da estabilidade consonantal. Como conseqüência das exigências de simetria, os segmentos consonantais normalmente não se alteram em termos individuais, mas em grupos. Assim, se /d/ passasse a ser surdo em dado ambiente, então também esperaríamos o ensurdecimento de /b/ e /g/. Por sua vez isto acontece porque a unidade de alteração é o traço distintivo e todos os segmentos do sistema que apresentaram o(s) mesmo(s) traço(s) sofrerão a mesma mudança.

Apesar das interessantes e significativas hipóteses de Martinet acerca de mecanismos e explicações de certas mudanças fonéticas, ainda persiste um problema que ele admite, a saber, que a maior parte de suas explicações funcionais referem-se a alterações que em si são secundárias. No caso de uma "cadeia-de-empurrar" por exemplo, o que ativa a tendência inicial à invasão? No caso de uma cadeia-de-puxar", se os sistemas fonológicos tendem à simetria, como poderiam surgir as "casas vazias" cujo preenchimento compete à mudança fonética?

FONOLOGIA GERATIVA

Explicar alterações levando em conta a estrutura interna das línguas também é típico da escola gerativa. Esta corrente considera a mudança de som como manifestação de alteração da gramática (competência). A alteração da gramática reflete-se na mudança da representação subjacente de formas lingüísticas e/ou na mudança do sistema de regras que relacionam estruturas profundas com estruturas de superfície. Assim, tentativas para explicar a alteração fonética referentemente ao desempenho (facilidade de articulação, etc.) não podem ser consideradas válidas, porque a mudança deve afetar o sistema internalizado, abstrato e, deste modo, os fatores superficiais não desempenham papel relevante.

A escola gerativa mantém o ponto de vista dos neogramáticos sobre a regularidade da mudança fonética. Se mudanças lingüísticas são consideradas mudanças de regras¹ (adição de regras, perda de regras, reordenação de regras, inversão de regras), então todas as formas que satisfaçam a descrição estrutural de uma regra mudarão de acordo com a alteração no sistema de regras que definem uma gramática. Contudo, foi contestada a hipótese neogramática de que toda mudança de som regular é foneticamente condicionada porque acredita-se que, ao serem liberadas as condições morfológicas, as sintáticas tornarão a analogia e o nivelamento potencialmente formuláveis do mesmo modo que as associadas com a mudança de som foneticamente condicionada.

Um aspecto importante da fonologia gerativa é a ênfase que concede à aquisição de linguagem na alteração lingüística. Inovações em gramáticas de adultos sob a forma de adição de regras podem, muitas vezes, resultar em situações nas quais crianças em fase de aquisição de linguagem confrontam-se com dados que necessitam de uma gramática mais simples do que aquela que a geração de seus pais internalizara e adaptara. Outro dispositivo associado à aquisição de linguagem com

referência à mudança lingüística é o aprendizado imperfeito, isto é, a criança não pode aprender a gramática de seus antecessores com todos os detalhes. Uma regra altamente restritiva pode ser generalizada, ou pode haver falhas no aprendizado de uma regra diferente. Tais fatores resultariam em alteração lingüística.

Postal (1968), um dos maiores representantes da postura gerativa sobre mudança fonética, não parece estar interessado em que direção tal mudança ocorre. Sua idéia de variação estilística como a causa das alterações não é mais explicativa do que a de Hockett em termos de variação casual. A direção da mudança, quer dizer regra de alteração, não é, porém, irrestrita e as condições ou ordenação devem ser especificadas. Kiparsky (1968) tentou determinar as condições sob as quais as regras de alteração podem ocorrer. Segundo ele, a reordenação de regras é motivada por uma tendência das regras de aplicarem-se ao maior número possível de formas. Se uma das duas ordenações possíveis para qualquer par de regras resultar em uma aplicação mais ampla para uma destas regras, diz-se que tal ordenação é a menos marcada das duas.² Kiparsky afirmava que as regras tendem à reordenação a fim de se ajustarem à ordem menos marcada.

Equacionado a alteração fonética com a mudança fonológica, a fonologia gerativa compartilha com a escola estruturalista americana o preconceito de que o que importa é o resultado final, e, assim, nenhuma atenção é dada à alteração em andamento.

FONOLOGIA NATURAL

Outra escola de fonologia voltada para a explicação da mudança fonética é fonologia natural, liderada por D. Stampe. Os fonologistas naturais sugerem que todos os seres humanos chegam ao processo de aquisição de linguagem com um conjunto de processos inatos que começam a operar a partir do início do ato de fala. O sistema fonológico particular de uma língua nativa é o resíduo de um sistema universal de processos que refletem todas as limitações fonéticas naturais do infante. Na infância tais processos suprem pronúncias interinas. A fim de que a língua possa funcionar para distinguir significados, têm sido desenvolvidos sistemas fonológicos complexos em línguas naturais. Assim, gradualmente, restringimos estes processos que também não são aplicáveis na língua adulta. A mudança de som ocorrerá quando os falantes não forem bem sucedidos em restringir ou ordenar adequadamente alguns processos naturais.

Embora inovador, este enfoque não parece dar conta do problema da origem da mudança. Que tipos de condições deve haver antes que um processo que tenha sido constantemente restringido deixe de sê-lo, aos poucos ou de modo repentino? Ou por que X fracassa em tornar-se y/ — z na língua A mas não na língua B no momento M1, mas não no momento M2?

EXPLICAÇÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS

Uma descrição como a utilizada pela escola gerativa e que visa representar a competência lingüística de um "falante-ouvinte-ideal" em uma comunidade lingüística perfeitamente homogênea consegue a uniformidade descritiva deixando para o desempenho toda a variação que em termos cognitivos é irrelevante. Tal modelo desconsidera claramente um grande número de variações lingüísticas evidenciadas nos hábitos de fala reais dos membros da comunidade. Até meados da década de 60, esta variação não-distintiva não havia recebido qualquer atenção, pois era considerada casual e sem importância. Um enfoque sociolingüístico liderado por W. Labov vê a língua como uma entidade heterogênea e afirma que é precisamente esta variabilidade que fornece a chave para o mecanismo de alteração lingüística. Toda mudança que ocorre exige a presença de variação lingüística. As variáveis que os falantes individuais incorporam às suas gramáticas relacionam-se com o contexto social. A alteração lingüística acontece quando uma dessas variáveis, em consequência de sua ligação com certos índices sociais positivos, vem a ser favorecida em detrimento de outra(s) que anteriormente havia(m) sido beneficiada(s).

Além disso, segundo Labov, a hipótese gerativa de que a gramática da criança forma-se com os dados fornecidos pela fala de seus pais não pode ser sustentada. Estudos atuais mostram que a criança normalmente adquire seu padrão dialetal particular, inclusive alterações recentes, de crianças apenas um pouco mais velhas do que ela. A alteração lingüística é transmitida dentro da comunidade como um todo, não está confinada a etapas discretas dentro da família.

Examinado a alteração em andamento, Labov pergunta a si mesmo "qual é o mecanismo pelo qual prossegue a mudança fonética?" e revela informações valiosas sobre **transição** (a rota seguida por um estágio de mudança lingüística desde o estágio inicial), **encaixe** (as correlações entre uma alteração lingüística e outro fenômeno lingüístico ou extralingüístico), a **avaliação** (a atitude dos falantes para com a mudança nos casos onde estão conscientemente a par da mesma). Descobriu-se que as palavras sofriam alterações em grupos, muitas vezes

determinadas pelo ambiente fonético, mas também pelas condições gramaticais ou pela freqüência. Geralmente, os movimentos evolutivos começam no menor subgrupo da comunidade e, após, estendem-se aos outros subgrupos. Com muita freqüência, a escolha de uma determinada variável depende de fatores extralingüísticos, especialmente idade, classe sócio-econômica e estilo, e as interações entre tais condições podem ser bastante regulares. Em termos de avaliação, afirma-se que uma mudança terá início em qualquer das classes médias sociais, e pode ser estigmatizada pelos membros da classe mais alta. Isto pode acarretar reversões e hipercorreções. Descobriu-se ser a hipercorreção um importante mecanismo de alteração lingüística.

Este enfoque, embora lúcido, também não está isento de problemas. A origem (como teve início uma alteração) parece ser ainda o principal problema. Determinados grupos de variáveis surgem em determinados pontos na história de uma língua. Urge estabelecer por que e como certas representações de variáveis emergem em determinado momento de uma dada língua.

FONOLOGIA GERATIVA NATURAL

A fonologia gerativa natural, outra escola recente de fonologia, declara que mudanças de som sempre têm início por razões fonéticas, portanto em ambientes fonéticos. As regras foneticamente condicionadas desta escola, que em essência correspondem aos "processos naturais" de Stampe, tentam aplicar-se regularmente em toda a língua. Contudo, entre o momento inicial de uma mudança fonética e seu completamento, muitas coisas podem ocorrer para impedir que tal mudança se torne totalmente regular. Portanto, as exceções e os assim chamados condicionamentos morfossintáticos são evoluções gradativas durante o processamento da alteração de som.

Essas assertivas a respeito do bloqueamento de uma mudança sob certas condições parecem estar de acordo com as descobertas de Labov, que observou que num estágio inicial uma regra aplica-se a todas as formas que se adequam a sua descrição estrutural, mas nem sempre com a mesma freqüência. As freqüências relacionam-se sistematicamente a certas categorias morfológicas e gramaticais.

Os postulados da fonologia gerativa natural, os quais são muito bem explicados por Hooper, ainda deixam algo a desejar. Afirma-se que todas as regras acrescentadas (modificadas) começam como regras condicionadas apenas em termos foné-

tics e podem ser consideradas provenientes de tendências fonéticas universais (alteração de uma tendência universal de maneira a receber traços específicos da língua). Contudo, Hooper não aventa qualquer hipótese quanto ao motivo pelo qual tais exageros de tendências fonéticas ocorrem em determinada língua.³

Além disso, é difícil testar a hipótese da fonologia gerativa natural a respeito de alterações ocorridas no passado. O primeiro estágio, livre aplicação das regras, não deixa vestígios, a não ser talvez esporadicamente em fontes escritas (se as tivermos), e as condições bloqueadoras às quais referem-se as regras diacrônicas podem ter começado a existir simultaneamente com a regra ou podem ser uma simples evolução posterior.

DIFUSÃO LEXICAL

A questão de por que a mudança fonética não é sempre regular é uma questão antiga, e partiu de dialetologistas como Schuchardt nos primórdios do século XIX; a conclusão a que chegaram foi que a história de cada palavra devia ser estudada para o entendimento do fenômeno.⁴ Este ponto de vista não é compatível com as posturas clássicas que afirmam que a alteração de som é lexicalmente brusca, mas foneticamente gradual, quer dizer, a mudança afeta todos os tipos de segmentos com um dado grupo de especificações de traços em um dado ambiente fonético. Recentemente, estudiosos tais como Wang e Chen demonstraram interesse semelhante na explicação de por que a mudança de som nem sempre é regular em seus efeitos finais sobre a língua. As exceções de mudanças regulares explicadas com referência à analogia pelos neogramáticos não podem ser mantidas, de acordo com Wang e Chen, porque exceções ocorrem em línguas que não têm paradigmas (o chinês, por exemplo). Para as exceções, a escola gerativa recorre aos diacríticos, às regras menores, etc. Embora estes sejam recursos descritivos convenientes, não oferecem uma nova luz para o problema. Chen e Wang lançaram a hipótese da "difusão lexical", que declara ser a mudança de som lexicalmente gradual e foneticamente brusca, isto é, mudanças da forma $X > Y$ começam em um grupo ou categoria de palavras e aos poucos espalham-se pelo léxico, ora efetuando um item lexical, ora outro, talvez levando séculos para completar-se e talvez nunca se completando, contudo perdendo ímpeto e deixando uma dispersão de itens lexicais como "resíduos" inalterados. Logo, a mudança fonética deve ser estudada em duas dimensões: temporal e lexical. Quanto ao fator origem de mudança, Chen e Wang propõem que os

principais determinantes de alterações de som devem ser buscados nas restrições inerentes e dispositivos fisiológico e percentual do utente da língua.

A hipótese da difusão lexical não é infundada. Todavia, a maior parte dos exemplos que lhe dão suporte provém da história de sistemas tonais, especialmente no chinês. Por isso, ainda veremos evidências comprovadoras da hipótese de difusão lexical surgirem das histórias de sons segmentais em línguas que estão sendo estudadas há muito tempo.

CONCLUSÃO

Ainda estamos a uma considerável distância de todas as respostas satisfatórias no que concerne ao fascinante tópico mudança fonética. Entretanto, já alcançamos um feliz estágio onde idéias tais como "flutuações e exceções a mudança de som regulares devem-se a empréstimos dialetais", ou "variação livre não pode ser restringida e, conseqüentemente, a mudança de som em curso não pode ser observada" não se aceitam mais.

O ponto de vista de que os fatores sociais e lingüísticos estão intimamente inter-relacionados e devem ser descritos em interação mútua está sendo cada vez mais aceito. Atualmente parece muito provável que um avanço no sentido de uma melhor compreensão da mudança fonética dar-se-á através da união entre as fonologias naturais, o enfoque laboviano e a difusão lexical. O crescente interesse por estudos relativos a essas abordagens é a causa de nosso atual otimismo.

NOTAS

1. — Na verdade qualquer mudança de som condicionada será acompanhada por uma adição de regra, pois tal mudança introduz alternâncias paradigmáticas. A perda de regra geralmente não é o resultado de uma mudança de som; onde uma vez houve uma alternância, não haverá outra. A reordenação de regras serve de veículo para a caracterização de mudanças no sistema de regras fonológicas que estão associadas com evoluções tradicionalmente consideradas em termos de sistema morfológico. Na inversão da regra, representações de superfície vêm a ser interpretadas como representações subjacentes, e formas coerentes com as "velhas" representações subjacentes vêm a ser derivadas por meio de regra. Para um relato detalhado destes conceitos, veja King.
2. — Quaisquer duas regras que potencialmente adaptam-se às mesmas formas podem mostrar qualquer uma das relações que seguem. Dadas

duas regras A e B, A depois B é uma ordem de **alimentação** se o output de A produzir uma forma a qual B aplicar-se-á. Se a operação de A alterar as formas às quais B deveria por outro lado aplicar-se, então diz-se que A **esvazia** B. Se A, depois B, for uma ordem de alimentação mas B não esvaziar A, a ordem B-A é denominada ordem de **contra-alimentação**. Igualmente, se A, depois B for uma ordem de esvaziamento, mas B não alimenta A, então B-A é uma relação **contra-esvaziamento**. Em consequência disso, não apenas a ordem de esvaziamento, mas também a ordem de contra-alimentação é mais marcada do que a ordem de alimentação, e a ordem de esvaziamento é mais marcada do que as ordens de contra-esvaziamento e a de alimentação.

3. — Pelas implicações da teoria laboviana, pode-se afirmar que o efeito de uma tendência fonética está presente nas palavras usadas com mais frequência e torna-se, em baixo nível de consciência, em indicador de determinado grupo social. Identificação com este grupo pode, então, levar a um exagero do efeito, o qual, em consequência disso, atinge um alto nível de consciência. Se o grupo de palavras fornece bases suficientes para uma regra, tal regra também aplicar-se-á a outras palavras menos frequentes.
4. — Pontos de vista similares são expressos por Meillet (1921) e Malkiel (1967).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOOMFIELD, L. (1933) *Language*. New York; Holt, Rinehart and Winston.
- CHEN, M. Y. (1972) "The time dimension: contribution towards a theory of sound change", *Foundations of Language* 8, 457-498.
- CHEN, M. Y. & W. S-Y Wang (1975) "Sound change: actuation and implementation", *Language* 51, 255-281.
- CHOMSKY, N. & M. Halle (1968) *The Sound Pattern of English*. New York; Harper and Row.
- HOCKETT, C. F. (1965) "Sound change", *Language* 41, 185-215.
- HOOPER, J. (1976) *An Introduction to Natural Generative Phonology*. New York; Academic Press.
- JAKOBSON, R. (1972) "Principles of historical phonology", in A. R. Keiler (ed) *A Reader in Historical and Comparative Linguistics* 121-138. New York; Holt, Rinehart and Winston. (Primeira publicação em alemão in *Travaux du Cercle Linguistique de Praga* 4, 1931)
- KING, R. D. (1969) *Historical Linguistics and Generative Grammar*. Englewood cliffs, New Jersey; Prentice Hall, Inc.
- KIPARSKY, P. (1968) "Linguistic universals and linguistic change", in E. Bach & R. T. Harms (eds) *Universals in Linguistic Theory*, 171-202. New York; Holt, Rinehart and Winston.
- LABOV, W. (1972a) "The internal evolution of linguistic rules", in R. Stockwell & R. Macaulay (eds) *Linguistic Change and Generative Theory* 101-172. Bloomington; Indiana University Press.
- LABOV, W. (1972b) *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia; University of Pennsylvania Press.
- MALKIEL, Y. (1967) "Each word has a history of its own", *Glossa* 1, 137-149.
- MARTINET, A. (1952) "Function, structure and sound change", *Word* 8, 1-32.

- MEILLET, A. (1921) *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris; La société linguistique de Paris.
- PAUL, H. (1920) *Prinzipien der Sprachgeschichte*. Niemeyer, Halle.
- POSTAL, P. (1968) *Aspects of Phonological Theory*. New York; Harper and Row.
- POSTAL, P. (1972) "An issue in the history of sound change: the Neogrammarian position and its disconfirmation", in A. R. Keiler (ed) *A Reader in Historical and Comparative Linguistics* 175-200. New York; Holt, Rinehart and Winston.
- SCHUCHARDT, H. (1885) *Über die Lautgesetze: gegen die Junggrammatiker*. Berlin. (reeditado com tradução em inglês in T. Venneman & T. H. Wilbur (eds) *Schuchardt, the Neogrammarians and the Transformational Theory of Phonological Change*. (1972) Frankfurt; Athenäum.
- STAMPE, D. (1973) *A Dissertation on Natural Phonology*. Chicago; University of Chicago Ph. D. Dissertation.
- WEINREICH, U., W. Labov & M. Herzog (1968) "Empirical foundations for a theory of language change" in W. P. Lehman & Y. Makiel (eds) *Directions for Historical Linguistics* 95-188. Austin; University of Texas Press.